



CORPO: ENCRUZILHADA DE SABERES

Rubia Bernardes Nascimento 1¹

Orientadora: Larissa Sato Turtelli²

Resumo

Esta escrita apresenta um recorte da minha apresentação oral performativa, que parte das provocações de Leda Maria Martins (2003), especialmente na formulação da oralitura e da noção de corpo como território de inscrição, memória e agência. A partir dessas reflexões, investigo como processos criativos desenvolvidos no meu doutoramento em Artes da Cena se articulam às denúncias do racismo estrutural presente na medicina brasileira. Em diálogo com relatos de pessoas negras coletados recebidos por áudio, desenvolvi uma experimentação cênica que tensiona corpo, ancestralidade, ritualidade e narrativa, operando deslocamentos e reorganizando modos de ver e perceber violências ainda naturalizadas. A cena se estrutura como um ritual performático que convoca sons, gestos, símbolos, silêncios e vozes, ressoando memórias afro-diaspóricas e indicando caminhos para uma poética da denúncia que emerge pelo corpo, que vibra, que ouve e que fala mesmo quando aparentemente silenciado.

Palavras-Chave: Criação cênica, Corpo-memória, Oralitura, Racismo na medicina, Poética da denúncia.

¹ Rubia Bernasci: Doutoranda em Artes da Cena pela UNICAMP com a pesquisa A Poética da Denúncia: disruptura cênica e a criação de novas matrizes de conhecimento. Atriz – Performer – Fotógrafa - Cineasta – Artista-Docente – Atriz e Produtora no Grupo de Teatro Apoteose. E-mail: rubiabn@gmail.com

² Larissa Sato Turtelli: Professora Livre Docente (Professora Associada I) do Instituto de Artes da Unicamp, com atuação na Graduação em Dança e na Pós-Graduação em Artes da Cena. E-mail: lariturt@unicamp.br



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

A noção de corpo como espaço de saberes, inscrição e memória é central para esta proposição performativa. Conforme aponta Leda Maria Martins (Martins, 2003), a oralitura convoca um regime epistemológico que ultrapassa a palavra escrita e reinscreve o corpo como campo de transmissão, resguardo e circulação de conhecimento. Tal perspectiva orienta minha pesquisa no doutorado em Artes da Cena, em que tenho formulado escritas processuais sobre meu modo de criação cênica, refletindo sobre como gestos, rituais, deslocamentos e sonoridades se articulam como práticas de denúncia do racismo vivenciado por pessoas negras no Brasil, sobretudo no contexto médico.

Desde o segundo semestre de 2024, desenvolvo o processo intitulado Rituais Bruxísticos: sons e imagens aliados à poética da denúncia, que opera como ponto de partida para a criação apresentada nesta edição do Seminário Mario Santana. No primeiro semestre de 2025, pude revisitar esse processo e identificar nele linhas de força que se tornaram estruturantes para novas elaborações cênicas, em especial a relação entre oralitura, corpo-memória e as narrativas sobre violências raciais nos atendimentos médicos. A análise dos relatos recebidos por meio de formulário aprovado previamente pelo Comitê de Ética, evidenciou que a experiência do racismo no âmbito da saúde produz marcas que se inscrevem não apenas no corpo físico, mas também na voz, no silêncio, na entonação e na hesitação presente nos testemunhos enviados pelas participantes.

Para a criação performativa, organizei o espaço cênico de modo a acionar signos vinculados à ritualidade afro-brasileira. No centro, dispus um tecido marrom avermelhado que cobria pipocas, referenciando o orixá Omolu e a cura ancestral que a pipoca simboliza. Vesti-me de preto e, antes de iniciar, informei à plateia que seria interessante fechar os olhos e quando a música *Omulú pé olóre* (Pessoa; Fonseca; Sacramento, 2025) iniciasse poderiam alternar entre abri-los e fechá-los como em uma dança das pálpebras, conduzindo-as para um estado de escuta e suspensão perceptiva. Com o público de olhos fechados, envolvi meu corpo com um grande tecido branco, cobrindo-me por completo, gesto que materializa a crítica à medicina ocidental que, conforme analisa Martins (2003), frequentemente não reconhece a humanidade inscrita nos corpos negros. A autora ressalta



que o olhar racista exila tais corpos de um campo pleno de compreensão, tornando-os exóticos e ilegíveis (Martins, 2003, p. 64).

Imagem 1 – O meu corpo no chão envolto no tecido branco e o tecido marrom a frente do espaço cênico que encobrem as pipocas



Fonte: Naia Pratta, 2025.

Enquanto me deitava ao chão, iniciou-se um áudio composto por três relatos de participantes, duas mulheres e um homem negro, na faixa dos 30 (trinta) anos, entremeados pela música *Omulú pé olóre*. Os testemunhos tratavam de episódios de deslegitimação da dor, tratamentos diferenciados, negligências e patologização de corpos negros, compondo uma trama de violência que não é episódica, mas estrutural. A música inserida antes de cada depoimento, funcionava como eixo ritual que costurava ancestralidade e denúncia, evocando força, cura e resistência.



Imagem 2 – Desenrolando o tecido do corpo



Fonte: Mauro Braga, 2025.

A presença do tecido branco que me cobria evocava, simultaneamente, apagamento e exposição. Assim como a medicina ocidental muitas vezes se recusa a ver a humanidade de pessoas negras, o tecido me tornava figura quase amorfa, borrada, dificultando o reconhecimento do corpo.



Imagem 3 – Finalização do desenrolar do tecido do meu corpo



Fonte: Mauro Braga, 2025.

No entanto, quando me levantava e revelava as pipocas sobre o tecido marrom, acionava-se outra camada simbólica: a do banho de pipoca, ritual de cura associado a Omolu. A contraposição entre o apagamento do branco e a revelação do marrom torna visível a urgência de repensar práticas médicas a partir de outras epistemologias, outros modos de escuta e de relação.

**Imagem 4** – Banho de pipoca

Fonte: Mauro Braga, 2025.

As vozes que ecoavam na sala, vozes reais, potentes, por vezes frágeis, sustentavam minha compreensão de oralitura como campo em que fala, canto, silêncio e vibração constituem saberes. Como lembra Martins (2003): “a memória não é linear, mas circular”. E essa circularidade reverberava na repetição ritualística do abrir e fechar dos olhos, no retorno dos pontos, nos gestos que se reinscreviam a cada repetição. O movimento do meu corpo indo ao chão e se erguendo para o banho de pipoca também encenava essa temporalidade circular, na qual a memória não é linear nem totalizante, mas pulsante.

A potência da oralitura se revela também no cruzamento entre dança, gesto e inscrição. Conforme Leda Maria Martins afirma:



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

Nos voltejos das etimologias, tentemos uma outra aproximação. Em uma das línguas banto, do Congo, da mesma raiz *ntanga*, deriva os verbos escrever e dançar, que realçam variantes, sentidos moventes, que nos remetem a outras fontes possíveis de inscrição, resguardo, transmissão e transcrição de conhecimento, práticas e procedimentos, ancorados no e pelo corpo, em performance. (Martins, 2003, p. 64)

Essa perspectiva amplia o entendimento da minha prática: escrever, dançar e denunciar tornam-se ações convergentes, que se atualizam no corpo e pelo corpo. O gesto que apresenta as pipocas, o levantar após a queda, o modo como as vozes afetam o meu movimento, tudo isso compõe uma dramaturgia da denúncia que se inscreve de maneira somática e relacional.

Ao tensionar oralitura, ritualidade afro-brasileira e depoimentos sobre racismo médico, busquei instaurar uma reflexão sobre a necessidade de que essas vozes ecoem em lugares ainda pouco atravessados por elas: médicos, enfermeiros, técnicos, recepcionistas, gestores. Que o gesto inicial de fechar e abrir os olhos se desdobre em abrir outros modos de perceber e compreender práticas discriminatórias que, apesar de naturalizadas, produzem dor, sofrimento e exclusão.

Assim, afirmo que é no corpo encruzilhada de saberes que se inscreve a poética da denúncia mobilizada por esta criação. Uma dramaturgia que se forma entre vozes, tecidos, grãos, sons e memórias; que convoca ancestralidade e exige responsabilidade ética; que performa a resistência e reinscreve o corpo negro não como objeto de violência, mas como fonte de conhecimento, cura e transformação.

Referências

MARTINS, Leda Maria. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

NASCIMENTO, Rúbia Bernardes. *Rituais bruxísticos: sons e imagens aliados à poética da denúncia*. In: X SEMINÁRIO DE PESQUISAS MÁRIO SANTANA, 10., 2025, Campinas. Anais [...]. Campinas: PPGAC/IA/UNICAMP, 2025.



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

PESSOA, Lucinha; FONSECA, Dil; SACRAMENTO, Marcos. *Omulú pé olóre*.
Intérpretes: Lucinha Pessoa, Dil Fonseca e Marcos Sacramento. O Banquete do Rei –
Olubaje. Tropado7music, 11 ago. 2025. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BPSvDXvla80>. Acesso em: 10 ago. 2025.